Representações das resistências caribenha a afro-brasileira na literatura infantil: uma análise de *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (2019) e a *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022)

Jorge Antonio Berndt*
Marianna Bernartt Silva**
Luana Paiola***
Jadson de Almeida de Souza Filho****
Gilmei Francisco Fleck*****

Resumo

Este artigo analisa as obras da literatura infantil contemporânea *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro,* de Viviana S. Torres (2019), e *A princesa Zacimba de Cabinda*, de Renata Spinassé (2022), focando no silenciamento de vozes femininas de extração histórica. Busca-se explorar como a literatura infantil figura a resistência indígena e africana no contexto colonial da América Latina, formando leitores decoloniais (Fleck, 2023). A pesquisa, de natureza bibliográfica e interpretativa, contempla, nesse sentido, a análise do discurso narrativo, com foco na diegese, construção espaço-temporal, protagonismo, legado e decolonialidade. Inserindo-se no campo da Literatura Comparada (Carvalhal, 1986), este estudo se fundamenta em teóricos como Genette (1972; 2010), Fleck (2017; 2023), Palermo

* Doutorando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e pela Universidade de Vigo (Uvigo - Espanha). Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orcid: https://orcid.org/0000-0002-6691-1777.

** Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e em Estudos da Literatura e da Cultura pela Universidade de Santiago de Compostela (USC - Espanha), com bolsa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orcid: https://orcid.org/0000-0001-9074-6794.

*** Mestra em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e doutoranda em Letras pela mesma instituição. Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Orcid: https://orcid.org/0000-0003-0401-5317.

**** Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Orcid: https://orcid.org/0009-0005-4715-5362.

***** Professor de Letras da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste) e docente do Programa de Pós-Graduação em Letras. Doutor em Letras pela UNESP/Assis, com pós-doutorado em Literatura Comparada e Tradução pela Universidade de Vigo (Uvigo - Espanha). Bolsista produtividade da Fundação Araucária. Orcid: https://orcid.org/0000-0002-4228-2566v.

(2012; 2019) e Mignolo (2017), a fim de compreender a construção de narrativas híbridas que intercalam história e ficção. Verificou-se que ambas as narrativas promovem uma ressignificação de identidades subalternizadas e estabelecem um espaço literário para a formação do leitor decolonial, consciente das dinâmicas de poder e de exclusão historicamente impostas, desenhando, por essa via, um processo de ressignificação identitária e cultural. Assim, entende-se que a literatura infantil, ao revisitar o passado sob o prisma da alteridade, revela-se como um *locus* próspero para a reinvenção crítica da memória e a valorização de vozes marginalizadas, de sorte a contribuir para práticas pedagógicas voltadas à formação do leitor literário decolonial.

Palavras-chave: narrativas híbridas; estudos decoloniais; protagonismo feminino; leitor literário decolonial.

Representations of Caribbean and Afro-Brazilian Resistance in Children's Literature: an Analysis of *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (2019) and *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022)

Abstract

This article analyses the works of contemporary children's literature *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro*, by Viviana S. Torres (2019), and *A princesa Zacimba de Cabinda*, by Renata Spinassé (2022), focusing on the silencing of historically marginalised female voices. It seeks to explore how children's literature represents Indigenous and African resistance within the colonial context of Latin America, aiming to foster the concept of the decolonial readers (Fleck, 2023). This bibliographic and interpretive study engages in the analysis of narrative discourse, with particular attention to diegesis, spatio-temporal construction, protagonism, legacy, and decoloniality. Situated within the field of Comparative Literature (Carvalhal, 1986), the study draws on theorists such as Genette (1972; 2010), Fleck (2017; 2023), Palermo (2012; 2019), and Mignolo (2017) to examine the construction of hybrid narratives that intertwine history and fiction. The findings indicate that both narratives promote a re-signification of subaltern identities and establish a literary space for the formation of decolonial readers – those aware of historically imposed power dynamics and exclusion – thereby contributing to a process of cultural and identity re-signification. In this light, children's literature, by revisiting the past through the lens of alterity, emerges as a fertile locus for the critical reinvention of memory and the valorisation of marginalised voices, ultimately supporting pedagogical practices aimed at the shaping of the decolonial literary reader.

Keywords: hybrid narratives; decolonial studies; female protagonism; decolonial literary reader.

Recebido em: 13/04/2025 / Aceito em: 22/07/26

Introdução

Desde o final do século XX, os gêneros híbridos de história[1] e ficção, voltados para o público infantil, têm apresentado releituras críticas do passado na América (Santos, 2023). Neste artigo, abordamos duas amostras de produções que performam tal atividade de ressignificação da história contada pelo viés tradicional, do colonizador. Destacamos a reconstrução discursiva de duas figuras femininas emudecidas pelas versões registradas em dois espaços latino-americanos: Caribe e Brasil. Faremos referência às obras *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) e *A princesa Zacimba de Cabinda* (Spinassé, 2022).

Para isso, fundamentamo-nos na Literatura Comparada (Carvalhal, 1986) cuja perspectiva contemporânea transcende o mero confronto formalístico. Conforme preconiza Carvalhal (1986), a disciplina atua no deslindamento de relações de intertextualidade e interdiscursividade, mapeando aproximações e distanciamentos. Contudo, em consonância com os Estudos Decoloniais (Ballestrin, 2013), expande-se esse escopo para abarcar a análise de textos que tensionam o discurso histórico colonial hegemônico. Por conseguinte, comparar não se limita a emparelhar estruturas diegéticas, mas consiste em tensionar os "lugares de enunciação" e os distanciamentos e aproximações históricas que atravessam as fronteiras da América Latina.

1 O conceito de história pode assumir diferentes acepções na língua portuguesa, designando tanto um relato ficcional (distinção para a qual se empregou durante um certo tempo a ideia de estória) quanto o conhecimento acerca do passado produzido mediante a pesquisa historiográfica. Neste trabalho, adotamos uma distinção gráfica de caráter puramente operacional: história, com inicial minúscula, para a reconstrução e a narrativa historiográficas do passado, e História, como inicial maiúscula, para a disciplina que se ocupa da investigação mesma. Tal separação baseia-se na compreensão de que o conhecimento histórico não constitui uma passagem transparente das experiências pretéritas para o papel, mas de uma interpretação e de uma criação empreendidas pelo historiador (Magnússon; Szijártó, 2013). Em contrapartida, no lugar de estória, empregamos o vocábulo diegese e outros sinônimos correspondentes.

Olhando por esse prisma, torna-se fundamental exemplificar os contextos de produção das autoras e o próprio processo de concepção das obras, dados que enriquecem a compreensão das releituras efetuadas. O livro *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) foi publicado pela Cayena Press em Nova Iorque, pertencendo à coleção bilíngue "*She was*", que traz para o público jovem histórias de mulheres inspiradoras. Foi escrito por Viviana S. Torres, quando ainda criança. Nascida nos Estados Unidos e filha de pais hispânicos, a jovem autora transcorre em um movimento duplo, isto é, ao mesmo tempo em que se apropria de uma narrativa histórica, de sua herança latina, a reconstrói a partir de um "entre-lugar" transnacional, mobilizando o inglês e o espanhol para dialogar com as novas gerações.

Por sua vez, a obra *A princesa Zacimba de Cabinda* (Spinassé, 2022) emerge de um *locus* enunciativo completamente distinto e, às vezes, divergente. A autora, Renata Spinassé, é uma mulher branca, arquiteta e professora de Yoga, residente no Brasil. Convidada por uma empresária para assinar a coleção de roupas infantis inspirada em uma narrativa histórica que circulava regionalmente no Estado do Espírito Santo, Spinassé realizou pesquisas sobre a princesa angolana e chegou a conceber a paleta de cores e o conceito visual da coleção têxtil antes da completa estruturação do texto literário. Portanto, observamos a tessitura textual partindo de dois olhares e mediações específicas: a escrevivência de uma infância latina imigrada e a reelaboração de uma intelectual branca brasileira que verte para a infância um mito de resistência negra.

Analisamos a forma que a literatura infantil é manejada por essas diferentes escritoras na diegese para representar o processo

de resistência indígena, de um lado, e africana, de outro, ambas no contexto colonial da América Latina. Realçamos, nesse sentido, o potencial à formação do leitor literário decolonial (Fleck, 2023; Santos, 2023), que é capaz de reconhecer os artifícios de que o autor lança mão para manipular a linguagem. No *corpus* de análise, damos relevância, ademais do discurso narrativo de ambas as obras infantis selecionadas, à configuração particular conferida às protagonistas, que são, respectivamente, a nativa Anacaona e a princesa Zacimba.

Torna-se indispensável destacar que, no universo do livro ilustrado contemporâneo, os elementos visuais não atuam como uma mera ornamentação ou subalternos ao texto verbal. Desse modo, este estudo confere relevo à coautoria das ilustradoras Maria Ocampo, em Torres (2019), e Lia Britto, em Spinassé (2022). As escolhas cromáticas e de texturas e o *design* gráfico estabelecem um diálogo intersemiótico com o texto escrito, gerando novas camadas de sentido que constituem, também, o objeto estético-pedagógico. A escolha dá-se em razão de uma novidade: essas personalidades, esquecidas pela historiografia tradicional, ganham precisamente na literatura, de forma inaugural, uma configuração estética que poderíamos classificar como ressignificadora. O foco deste manuscrito é a forma como tal processo de criação artística e recepção leitora é conduzido.

Por intermédio de tal reflexão voltada para as releituras oferecidas pela ficção sobre feitos do pretérito, destacamos a relevância do tema e das conexões expostas para a sociedade, com ênfase na descolonização proporcionada a partir da recepção dessas obras seminais. Agregamos, igualmente, a importância para uma formação leitora, crítica e interdisciplinar, cuja potência reside na possibilidade de transcender aqueles

conhecimentos eurocêntricos difundidos pelas vertentes do Positivismo e Romantismo, ao se propor, no estudo comparado, perspectivas outras acerca dos povos originários e africanos, durante o período colonial (1500-1822) e o período imperial (1822-1889).

Para concretizar o objetivo aventado, segmentamos este texto em duas seções. Na primeira seção, intitulada "Narrativas de Resistência na Literatura Infantil Contemporânea", sintetizamos as narrativas e promovemos uma comparação de seus elementos diegéticos. Na segunda seção, "Resistência na Figuração de Personagens Femininas", que por sua vez subdivide-se em quatro partes: "Espaço e tempo", "Protagonismo feminino", "Resistência e legado", "Decolonialidade e imagens de resistência", realizamos o cotejo das protagonistas das obras que compõem nosso *corpus*, identificando como estas se aproximam e se distanciam por uma ótica de suas práticas de resistência diante da perspectiva colonial.

1 Narrativas de Resistência na Literatura Infantil Contemporânea

Na vastidão dos mundos imaginários, onde a história e a fantasia se irmanam, a literatura infantil ocupa um lugar de destaque, posto que ela colabora, parcialmente, na constituição das mentes de crianças e jovens, com as suas primeiras perguntas existenciais e as suas incursões iniciais no mundo da ficcionalidade e da imaginação. Nesse contexto, cabe salientar que, assim como as histórias infantis levam seus leitores por tais caminhos de indagação – nos quais cada página é uma nova descoberta –, as narrativas sobre figuras históricas esquecidas

ou marginalizadas desempenham um papel fulcral, ao revelarem os segredos e as complexidades de um passado muitas vezes desconhecidos.

Essas novas escritas infantis e juvenis que iluminam o passado suspostamente desconhecido, seja para ressignificar eventos e personalidades ou apresentar outras visões, podem ser concebidas, teoricamente, a partir de uma contraposição às obras responsáveis por renarrativizar o enfoque colonial da história. Trata-se de um tensionamento, no âmbito da literatura infantil e juvenil híbrida de história e ficção, entre aquilo que Fleck e Santos (2025) têm denominado as "fases acrítica e crítica". Segundo os autores, na primeira, ocorre uma reprodução da perspectiva positivista/romântica da história oficializada e, na segunda, produz-se a ressignificação crítica dos estereótipos e percursos narrativos, abrindo espaço para a ideia de resistência, em razão de reinscreverem outras existências.

Nesta seção, abordamos relatos que são amostras contemporâneas da fase crítica, sendo *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) e *A princesa Zacimba de Cabinda* (Spinassé, 2022). Ressaltamos, a partir de um recorrido geral, a configuração estrutural dos narradores, dos narratários, das personagens, dos espaços envolvidos e dos ambientes nos quais as ações relatadas ocorrem. Com base em tal deslindamento do tecido diegético, podemos, na seção seguinte, nos debruçar sobre a configuração específica das personagens que, conforme nosso argumento, são (re)constituídas nessas obras infantis.

A primeira obra aqui comentada foi publicada pela editora Cayena Press, em 2019, e é de autoria de Viviana S. Torres, que à época tinha apenas 10 anos; as ilustrações são de Maria Ocampo. Repleta de figuras que representam esta trajetória

da indígena que dá nome ao livro (Anacaona), a obra traz um texto redigido em formato bilíngue, com o inglês à esquerda e o espanhol à direita. Adicionamos, como uma perspectiva inicial sobre seus paratextos, que ela é comumente vinculada às estantes de biografias de personalidades dominicanas.

Mais do que meros índices, as informações servem para cartografar o lugar de enunciação, que é de uma sorte de "entre-lugar", apesar de se realizar nos Estados Unidos. Esse lugar de enunciação pode ser entendido como uma ponte que conecta as culturas estadunidense e hispânica. Assim, o texto assume um caráter transnacional, visto que as questões de identidade, pertencimento e memória cultural são reconfiguradas à luz de uma experiência plurilinguística. Isso reflete não apenas uma preocupação em alcançar diferentes públicos, mas, também, em preservar e valorizar as raízes culturais de Anacaona.

Esse "entre-lugar", portanto, não é apenas geográfico, mas também, simbólico, representando o encontro de diferentes temporalidades e espacialidades, onde a história local se torna global e o passado se entrelaça com o presente em uma narrativa que busca resgatar e reimaginar memórias esquecidas ou silenciadas, com vistas à constituição de um futuro atento para tais micro-histórias (Magnússon; Szijártó, 2013) rechaçadas pelo poder.

Referindo-se mais especificamente à diegese, notamos que, no relato de *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019), conta-se a história da autóctone caribenha que dá nome ao livro. A primeira parte apresenta, sequencialmente, a conjunção paradisíaca que é rompida pela súbita "aparição" de Colombo, com as suas tropas, que logo usam da violência para estabelecer o seu poder absoluto. Por fim, salienta-se que a protagonista

sobrevive, para, em seguida, ser capturada e receber a opção de se tornar concubina de um colonizador espanhol ou perder a vida. O restante do relato híbrido prossegue a uma apologia da figura histórica, em uma sorte de exortação do ato de resistência da autóctone, que é enforcada pelos invasores ao escolher não ser submetida ao poder colonialista. Abaixo incluímos um quadro, no qual estão contidos determinados eixos fundamentais dessa diegese (Quadro 1).

Quadro 1 – Estrutura diegética da obra *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019), de Viviana S. Torres

Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro	
Voz enunciadora (narrador)	Narrador nível extradiegético e heterodiegético
Narratário	Narratário extradiegético (público infantil)
Personagens	Casal indígena (pais de Anacaona) Anacaona, irmão (chefe de Jarangua) Caonabo, habitantes de Jarangua/indígenas, Colombo, espanhóis, outros caciques, Nicolás de Ovando, comandante espanhol
Espaço diegético	Léogâme, Arrodissement, da ilha Quisqueya/República Dominicana e Haiti
Tempo	1474-1504
Ambiente/tom	Resistência, esperança, identidade

Fonte: Produzido pelos autores (2024).

Para fundamentar tais divisões, voltamo-nos às categorias formais de Gérard Genette (1972), sendo elas: tempo, modo e voz. O autor determina que o estatuto do narrador é definido pelo nível narrativo, sendo este extradiegético: quando a enunciação ocorre fora da diegese narrada, e pelo seu relacionamento com os fatos, heterodiegético: quando o narrador não participa

como personagem dos eventos. O narratário, corresponde ao destinatário interno ou virtual da enunciação, configurando-se aqui também em nível extradiegético, o leitor presumido externo à trama. O espaço e o tempo diegéticos delimitam os acontecimentos e a duração onde transcorre a ação ficcionalizada.

A enunciação da maior parte do relato perfaz-se a partir de uma exterioridade da diegese, de forma que o narratário também se encontra nesse mesmo parâmetro. É significativo notar que, no entanto, o final do texto apresenta uma reflexão sobre a personalidade histórica protagonista para além de suas ações representadas. Esse posicionamento contemporâneo da voz, que retorna ao passado, a fim de mostrar ao seu jovem leitor a importância dos heróis silenciados do Caribe, é mais evidente ao se analisar o modo como o tempo e o espaço são trabalhados: enquanto a temporalidade utilizada é a Ocidental, com o nascimento da protagonista em 1474 e a sua morte em 1504, a geografia é aquela utilizada hodiernamente, com a menção (das localidades) da República Dominicana e do Haiti, mas, também, a autóctone, com a inclusão do signo da ilha de Quisqueya.

A diegese da produção de Torres (2019) ressoa ao percurso do enfrentamento da segunda obra, *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022), de Renata Spinassé, cuja ilustração foi realizada por Lia Britto, com o apoio da editora Pueralê. A princesa Zacimba Gaba foi uma figura histórica e lendária africana que é lembrada pela sua resistência contra a escravização no Brasil. Originária do Reino de Cabinda, na atual Angola, Zacimba foi capturada e vendida como escrava, sendo trazida para o Brasil no século XVII. A sua criação em Angola e o subsequente "sequestro", como se indica no interior do texto (Spinassé, 2022), são incluídos, assim como o seu processo de escravização. A ficção dá vida a essa experiência traumática, mediante a inserção da "rotina" da

criança enquadrada em tal situação. A diegese é encerrada com o processo de luta dessa protagonista, que morre ao auxiliar os escravizados (compatriotas) em fuga. Na sequência, agregamos o Quadro 2, com a sistematização da ossatura diegética dessa produção sul-americana, elaborada em língua portuguesa:

Quadro 2 – Estrutura diegética da obra *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022), de Spinassé

A princesa Zacimba de Cabinda	
Narrador	Narrador extradiegético
Narratário	Narratário extradiegético (público infantil)
Personagens	Princesa Zacimba Gaba, o português José Trancoso, o povo de Cabinda
Espaço diegético	Cabinda, reino africano Brasil, colônia portuguesa
Tempo	1690; século XVII
Ambiente/tom	Resistência, esperança, identidade

Fonte: Produzido pelos autores (2024).

A voz enunciadora e o narratário, assim como em Torres (2019), encaixam-se no estatuto extradiegético-heterodiegético. Por isso, indicamos que as obras como podem ser, idealmente, vinculadas ao público infantil. As personagens mencionadas são, além da princesa que atua como a heroína dessa narrativa híbrida de história e ficção, o colonizador português, representado por José Trancoso – figura de extração histórica – que, também, representa todos os senhores de engenho escravagistas, e o povo de Cabinda, que é generalizado nesse sentido, da mesma maneira que ocorre com Torres (2019). Os espaços são dois, considerando-se o reino africano de Cabinda e o Brasil colonial.

A temporalidade de *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022) articula-se de maneira aparentemente linear, demarcando os marcos cronológicos do século XVII. Torna-se fundamental desconstruir a premissa obsoleta de que a linearidade temporal seria um imperativo categórico para a inteligibilidade da criança ou adolescente, sob o pretexto de que o leitor em formação seria incapaz de assimilar as fraturas e desconstruções típicas das produções adultas. A teoria contemporânea da literatura infantil e juvenil preconiza que as obras para a infância são dotadas de múltiplas camadas de leitura. Longe de subestimar a capacidade cognitiva infantil, a aparente simplicidade cronológica do texto verbal funciona, na verdade, como um andaime estético que ancora o leitor, enquanto a complexidade e as rupturas interpretativas operam no plano intersemiótico: as tensões subjetivas, as violências do sequestro colonial e os silenciamentos históricos são traduzidos pela densidade das ilustrações, texturas e vazios espaciais das páginas. Há, portanto, um refinamento na recepção que desafia concepções homogeneizadoras da infância.

A história, como um conjunto de trajetórias que se conectam e repelem, camufla em suas ramificações aparentemente infinitas partes obscuras, compostas por narrativas não contadas, apagadas pelo tempo ou pela força do esquecimento deliberado. Em *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) e na obra *A princesa Zacimba de Cabinda* (Spinassé, 2022), o leitor depara-se com um palimpsesto (Genette, 2010) de memórias, nas quais a história oficializada, rígida e linear, é desconstruída, revelando as fissuras por onde se esgueiram as verdades ignoradas, oriundas das vozes dos outros.

Anacaona e Zacimba, figuras que habitam simultaneamente o mito e a realidade, surgem como símbolos de uma história

alternativa, na qual o tempo não é um fluxo inexorável, mas um labirinto de espelhos em que cada reflexo é uma possibilidade, uma versão diferente do passado. Essas mulheres, cujas existências foram, no passado, deliberadamente relegadas à exclusão, em detrimento do discurso eurocêntrico das invasões iniciadas por Cristóvão Colombo, no Caribe, e Pedro Álvares Cabral, no Brasil, emergem, em razão do registro linguístico-literário, traçando uma cartografia secreta de resistência e sobrevivência.

A fim de nos debruçarmos sobre a configuração mais específica de tais personagens, avançamos para a próxima seção. Buscamos, ademais de esclarecer a poética utilizada pelas autoras para plasmar tal mensagem, proporcionar uma discussão sobre a possibilidade de se estabelecer, por tal viés, uma formação decolonial do leitor literário na América Latina.

2 A Resistência na Figuração de Personagens Femininas

No decorrer da história Ocidental, segundo Zulma Palermo (2012), a figura feminina e sua representação no âmbito literário foram, sobretudo, analisadas a partir de uma estrutura patriarcalista. A datar da Antiguidade, Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.), em sua obra *Política* (1998), considera que "a relação entre homem e mulher consiste no fato de que, por natureza, um é superior, a outra, inferior, um governante, outra governada" (Aristóteles, 1998, 1254b, p. 12-13) e, nesse sentido, as mulheres eram consideradas seres inferiores, sem a possibilidade da participação direta na *polis*.

Embora tal perspectiva tenha se prolongado ao longo do tempo, é possível observar na literatura registros que se

contrapunham a essa mirada sexista. Em *Lisistrata*, comédia de Aristófanes (446 a.C. - 386 a.C.) datada de 411 a.C., por exemplo, verificamos o protagonismo feminino e seu empoderamento perante a sociedade desse período. Ademais, outra obra em que encontramos o protagonismo feminino é *Colombo e Beatriz* ([1892] 2022), de Constance Goddard DuBois: Beatriz Henríquez de Arana (companheira do navegador espanhol Cristóvão Colombo) é representada pela primeira vez na trajetória da literatura híbrida de história e ficção de uma maneira significativa.

Seguindo tal premissa de personagens principais, posição ocupada por mulheres, destacamos, aqui, duas obras infantis – *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019), de Viviana S. Torres, e *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022), de Renata Spinassé – e analisamos, comparativamente, como foram deslindados os movimentos de resistência de tais figuras, que, acima de tudo, representavam seus povos, na época colonial. Por esse viés, fracionamos esta seção em quatro partes: "Espaço e tempo", "Protagonismo feminino", "Resistência e legado" e "Decolonialidade e imagens de resistência".

2.1 Espaço e tempo

Para principiar o cotejo entre as narrativas e as personagens, salientamos que as obras se passam em localidades distintas. Como podemos observar em Anacaona, esta vive "*En Léogâne*, Arrondissement, *una pequeña ciudad en la isla que entonces se llemaba Quisqueya* [...]"[2] (Torres, 2019, grifos nossos), uma comunidade autóctone localizada no Caribe. Zacimba Gaba, por

2 Tradução livre: "Em Léogâne, Arrondissement, uma pequena cidade na ilha que então se chamava Quisqueya [...]".

sua vez, habita um reino africano, como lemos a seguir: "Esta história aconteceu há centenas de anos. Começou longe, depois da linha que separa céu e mar, *em Cabinda, um reino africano* onde vivia uma valente princesa chamada Zacimba Gaba." (Spinassé, 2022, grifos nossos).

A fim de extrapolar a mera descrição geográfica e cronológica, a análise dessas categorias exige o aporte de Genette (1972) no tocante às distorções entre o tempo da história, os fatos históricos documentados e o tempo do discurso, a reconstrução textual. Em ambas as narrativas, observa-se o uso de elipses narrativas e sumários para condensar séculos de violência colonial no espaço exíguo do livro infantil. No entanto, o tratamento do espaço em *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) funciona por meio de uma sobreposição toponímica: ao nomear simultaneamente "Quisqueya", locais que atualmente são conhecidos como "República Dominicana" e "Haiti", o discurso desestabiliza a cartografia colonial e ocidental moderna, forçando o leitor a navegar por um espaço palimpséstico.

De forma conjunta, as ilustrações de Maria Ocampo corporificam essa espacialidade por meio de cores quentes e formas orgânicas da flora caribenha, que passam a ser progressivamente invadidas por tons escuros com a chegada dos colonizadores. Em *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022), a espacialidade cinde-se tragicamente: o reino luminoso de Cabinda se contrapõe em relação ao espaço claustrofóbico do navio negreiro e, posteriormente, o espaço escravocrata, no Brasil colonial. Lia Britto traduz essa ruptura espacial e temporal nas ilustrações através do contraste cromático, as cores vibrantes africanas tornam-se pálidas na atmosfera da colônia. O

tempo do discurso, portanto, desacelera nas cenas de cativeiro, conferindo densidade psicológica à dor da personagem, de modo que o espaço e o tempo deixam de ser meros cenários passivos e passam a atuar como agentes de opressão de resistência visual e verbal.

2.2 Protagonismo feminino

Apesar de tais diferenças, encontramos características que equiparam as protagonistas. Ambas as personagens destacam-se pelo seu papel de liderança e pela maneira como assumem responsabilidades tradicionalmente masculinas em suas culturas. Anacaona torna-se cacica, após a morte de seu irmão e de seu marido pelos colonizadores, e é respeitada por sua sabedoria e justiça, mantendo a paz e a prosperidade entre seu povo, como pode-se ler:

> Cuando el hermano de Anacaona murió, los habitantes de *Jaragua* necesitaron un nuevo **gobernante**. Aunque **Anacaona era muy joven, ella reemplazó a si hermano y se convirtió en un nuevo cacique**. [...] Bajo su reinado, los nativos vivían felices. **Anacaona era una líder sabia y justa y todos la respetaban**. También tenía el importante trabajo de preservar la historia a través de danza y arte de la narración de cuentos[3] (Torres, 2019, grifos nossos).

A autoridade exercida por Anacaona, que demonstra sua força e resiliência, e seu esforço em conservar a memória de sua cultura, são fatores que aproximando-se da personagem de

3 Tradução livre: "Quando o irmão de Anacaona morreu, os habitantes de Jaragua precisaram de um novo governante. Embora Anacaona fosse muito jovem, ela substituiu seu irmão e se tornou a nova cacique. [...] Sob seu reinado, os nativos viviam felizes. Anacaona era uma líder sábia e justa, e todos a respeitavam. Ela também tinha o importante trabalho de preservar a história através da dança e da arte de contar histórias."

Zacimba, que é descrita como: "Inteligente, ousada e esperta [...], [ela] aprendia com sua família tudo que um nobre líder precisava saber, e junto de seu povo gostava de cantar e dançar." (Spinassé, 2022). Como se pode observar, a perspicácia de Zacimba, admirada desde jovem, preparam-na a exercer liderança, assim como é o caso da protagonista anterior. Vale evidenciar, ainda, seu "cantar e dançar" que, da mesma forma como em Anacaona, faz menção às práticas de seu grupo, podendo estabelecer relações à preservação memorialística de seus costumes.

As semelhanças entre as duas mulheres também podem ser verificadas ao se abordar o sofrimento vivido por ambas. Anacaona, ao tentar dialogar com os colonizadores, é enganada: prendem-na e a incendeiam junto de seu povo. Contudo, ela sobrevive e mais uma vez: "[...] la hicieron prisioneira"[4] (Torres, 2019). A história de Gaba se acerca a de Anacaona: "[...] um dia sequestradores atacaram Cabinda e capturaram a princesa Zacimba que, junto a muitos de seus súditos, foi acorrentada e levada ao porão de um enorme navio" (Spinassé, 2022).

Negando as vidas que lhes foram designadas, Anacaona e Zacimba lutam por suas liberdades. Anacaona elege a morte em vez de casar-se com um colonizador: "Le dieron la opción de ser la concubina de un comandante español a cambio de su vida, pero ella se negó. ¡Ella era una cacique! Por su negativa, **la sentenciaron a muerte y la ahorcaron**"[5] (Torres, 2019, grifos nossos). Zacimba esforça-se em resistir em meio ao oceano até ser atacada: "Em uma noite, enquanto as estrelas cintilavam no breu, **Zacimba foi atacada e caiu no oceano**. Dizem que ele, por compaixão e respeito, devolveu seu corpo à sua terra

4 Tradução livre: "[...] a fizeram prisioneira."

5 Tradução livre: "Deram-lhe a opção de ser a concubina de um comandante espanhol em troca de sua vida, mas ela recusou. Ela era uma cacica! Por sua recusa, foi sentenciada à morte e enforcada."

natal, onde se fundiu à exuberante natureza da costa africana" (Spinassé, 2022, grifos nossos). Na tentativa de preservação de suas próprias identidades, como também da proteção de seus iguais, as duas protagonistas, indígena e negra, tornam-se mártires.

Assim como em Anacaona e Zacimba Gaba, a vida de muitas mulheres foi historicamente silenciada e excluída. A luta para encontrar uma voz autêntica é ainda difícil já que as palavras carregam, muitas vezes, a marca do domínio alheio. Mas, com o tempo, as mulheres conseguiram harmonizar sua expressão com seus verdadeiros desejos, buscando a superação da opressão e reivindicando sua identidade de forma autônoma, tanto politicamente quanto por outros meios, incluindo o âmbito literário. Por essa perspectiva, destaca Palermo (2012) ao salientar a dificuldade desse processo em relação à colonialidade do gênero:

> Si hallar el lugar entre las voces dichas fue difícil, más difícil fue encontrarlo en la escritura – lugar del *logos*, del valor occidental, del poder y de la estima – espacio en el que se jugaron todas las exclusiones: de los indios, de los negros, los esclavos, las mujeres, todos ellos medidos con el rasero de la inferioridad social, intelectual y humana. Es por eso que la escritura literaria – forma que por excelencia entrama la complejidad de las subjetividades, especie de tejedora que con su lanzadera diseña en el telar el rostro y los gestos de la sociedad en la que surge – no permitió que las mujeres hicieran suyo el código letrado y debió pasar un larguísimo tiempo hasta lograrlo.[6] (Palermo, 2012, p. 17).

A configuração das protagonistas femininas analisadas, por sua vez, configuradas por autoras mulhere, exemplifica

6 Tradução livre: "Se encontrar o lugar entre as vozes ditas foi difícil, mais difícil ainda foi encontrá-lo na escrita – lugar do *logos*, do valor ocidental, do poder e da estima –, espaço em que se jogaram todas as exclusões: dos índios, dos negros, dos escravos, das mulheres, todos eles medidos pelo critério da inferioridade social, intelectual e humana. É por isso que a escrita literária – forma que por excelência entrelaça a complexidade das subjetividades, espécie de tecelã que com sua lançadeira desenha no tear o rosto e os gestos da sociedade na qual surge – não permitiu que as mulheres se apropriassem do código letrado, e foi necessário um longo tempo para que isso fosse alcançado."

esse movimento de reterritorialização de um espaço artístico anteriormente colonizado por um universo específico. Trata-se de um ponto de inflexão significativo, que, além de lançar luzes para as personalidades históricas esquecidas de Anacaona e Zacimba, propõe uma revisão crítica das narrativas tradicionais, reescrevendo a História a partir de uma perspectiva feminina e decolonial. Com efeito, ao se apropriarem da escrita literária, essas autoras não apenas reivindicam um espaço no campo do *logos*, mas também desestabilizam as estruturas que tradicionalmente excluíram as vozes marginalizadas.

2.3 Resistência e legado

A partir da discussão anterior, nota-se que o tema da resistência é crucial em ambas as narrativas híbridas. Anacaona resiste à opressão colonial, recusando-se a se submeter aos invasores, mesmo diante da morte. Seu legado é imortalizado através da narrativa, com Anacaona sendo lembrada como uma líder que preservou a história através das artes.

> Hoy en día, Anacaona es recordada como una líder fuerte e inteligente, que mantuvo la paz y la prosperidad de su pueblo. Ella murió por traición y por negarse a ser algo menos de lo que era. [...] Su legado todavía existe hoy, con canciones y poemas en su nombre y su historia es enseñada en las escuelas de la República Dominicana y Haití, que son las dos partes de Quisqueya actualmente.[7] (Torres, 2019).

7 Tradução livre: "Hoje em dia, Anacaona é lembrada como uma líder forte e inteligente, que manteve a paz e a prosperidade de seu povo. Ela morreu por traição e por se recusar a ser menos do que era. [...] Seu legado ainda existe hoje, com canções e poemas em seu nome, e sua história é ensinada nas escolas da República Dominicana e do Haiti, que são as duas partes de Quisqueya atualmente."

A importância do legado de Anacaona transcende sua morte e continua viva através da memória cultural de seu povo. Essa preservação de sua história, mesmo após sua morte, reforça a ideia de resistência e a insubmissão, elementos que são fundamentais tanto na narrativa quanto na construção de uma identidade. Outrossim, Zacimba Gaba não apenas resiste, como também lidera batalhas contra os traficantes de escravos. A protagonista, assim como Anacaona, é uma heroína cujas ações continuam a inspirar a resistência contra a opressão, como podemos observar a seguir:

> Corajosa e persistente, a poderosa princesa Zacimba Gaba foi uma grande heroína, guiando batalhas pela libertação da população negra traficada no continente africano, e lutando pela destruição dos navios negreiros. [...]. As virtudes do valente coração da princesa guerreira vivem até hoje e ficam mais fortes a cada vez que sua história é contada, seja em uma roda de prosa, em um poema ou em um livro como este. (Spinassé, 2022).

Ao abordar as histórias de Zacimba Gaba, verificamos que sua resistência se estende além de sua vida, ecoando através das gerações como símbolo de luta.

As duas narrativas não apenas resgatam a memória dessas figuras históricas, mas também oferecem uma releitura crítica destas, na qual o protagonismo feminino é evidenciado e a resistência é vista como um legado fundamental para a construção de uma identidade que provoca a reflexão sobre as narrativas hegemônicas. Assim, o entrelaçamento das lutas das duas mulheres pela liberdade, dignidade e preservação cultural mantém vivo o espírito de resistência que define suas trajetórias.

2.4 Decolonialidade e imagens de resistência

A colonialidade é, de acordo com Zulma Palermo (2019, p. 50):

> [...] forma de organização e de gestão que regula a vida em todas as suas esferas controlando a economia, a autoridade, o gênero e a sexualidade, a natureza e seus recursos, as subjetividades, incluída a etnicidade, e as formas de conhecer.

Nesse sentido, é a partir da perspectiva de resistência (ante a hegemonia epistemológica eurocentrada e masculina) que se sustenta o pensamento e a "opção decolonial". Palermo explica que esse posicionamento consiste em "potencializar alternativas a partir de lugares-outros que trazem em sua memória experiências de convivência e solidariedade milenares e diversas" (Palermo, 2019, p. 50).

É preciso, portanto, buscar caminhos de descolamento da "matriz de poder colonial" (Mignolo, 2017, p. 13), de resposta "às inclinações opressivas e imperiais dos ideais europeus modernos projetados para o mundo não europeu, onde são acionados" (Mignolo, 2017, p. 2). Em dissonância às narrativas colonialistas que veiculavam exclusivamente a voz das personagens historicamente focalizadas, o novo modo de enxergar a colonização é voltado às histórias marginalizadas. No *corpus* estudado, nota-se o protagonismo feminino não europeu, revisitando momentos da historiografia sob outra perspectiva: o ponto de vista de mulheres negras e indígenas.

Sendo assim, "*es preciso crear una nueva gramática, un nuevo sistema simbólico*"[8] (Braidotti, 2004, p. 68) e, com isso, formar leitores aptos:

8 Tradução livre: "É preciso criar uma nova gramática, um novo sistema simbólico."

> [...] a reconhecer as ações colonialistas, entender a sistemática subjugação e exploração do território, das mentes e dos corpos no espaço colonizado, a conceber as causas e as consequências desse processo de aculturação e de dominação – a territorialização do espaço geográfico e mental – e seus efeitos na vida dos sujeitos ao longo dos séculos. (Fleck, 2023, p. 22).

Para tanto, considerando as personagens como construídas por um discurso atravessado pela cultura, deve-se ressaltar que, de acordo com Stuart Hall (2006, p. 65), "as identidades nacionais não subordinam todas as outras formas de diferença e não estão livres do 'jogo de poder', de divisões e contradições internas, de lealdades e de diferenças sobrepostas". Nesse sentido, a identidade das protagonistas e do leitor, atravessada pela lógica do pensamento eurocentrado, precisa se movimentar no sentido do reconhecimento dessas narrativas, do questionamento de um ponto de vista unilateral e, acima de tudo, da compreensão do caráter discursivo e político de uma história única.

A leitura de obras híbridas de história e ficção (infantis e juvenis) permite a ressignificação de memórias e narrativas apresentadas historicamente enquanto únicas e unívocas. Para essa inversão epistemológica, é importante ampliar o espaço e aprofundar as leituras não canônicas. Fleck (2023) explica, em relação ao aprendizado de língua e de literatura:

> [...] que essa ampliação no *corpus* de leitura permite que o processo de apreensão do lido não esteja ancorado somente no âmbito linguístico e no âmbito estrutural do material de leitura, [...] mas, e em especial, que conduza à reflexão sobre aquilo que nos constitui como sujeitos (Fleck, 2023, p. 45).

Logo, a partir da mediação leitora, podemos entrar em contato com a decolonização de saberes, teorias e identidades.

Ampliando o vocabulário do leitor e mobilizando ferramentas de ressignificação do passado, é possível que os estudantes e leitores em formação se identifiquem, de acordo com Fleck (2023), com uma lógica crítica, de desenvolvimento de posicionamento em relação ao passado pautado na colonização e na violência. Ressalta-se, com isso, a importância do confronto entre "diferentes posições ideológicas, apresentadas pelos autores, materializadas em escritas históricas, literárias, informativas, didáticas e artísticas, de teor tanto acrítico quanto crítico" (Fleck, 2023, p. 49).

Diante desse cenário, a proposta de investigar as potencialidades decoloniais dessas obras desloca-se obrigatoriamente da análise imanente do texto para a pragmática da recepção na sala de aula, colocando o professor como mediador central desse processo. O papel do professor – leitor decolonial – é observar a linguagem enquanto parcial, manipulável e política, levando em consideração a posição do autor perante sua escritura. Dessa forma, não basta apenas a simples apresentação da obra à criança. Cabe ao docente instrumentalizar seus alunos de modo a despertar a compreensão de que não existem enunciados neutros ou descolados da cultura. Como assevera White (1991, p. 24), "o que o discurso histórico produz são interpretações". O historiador tradicional trata o material narrativamente para que pareça "imparcial", e o mediador de leitura deve atuar justamente na desmontagem dessa ilusão pedagógica.

Essa mediação docente, portanto, materializa o "giro decolonial", pautado em Ballestrin (2013), e uma formação leitora decolonial, como propõe Fleck (2023) ao motivar o leitor a rever seu posicionamento perante a dualidade entre Norte e Sul Globais. Ao propor perguntas incômodas e mediar o diálogo

entre o texto verbal e o visual, o professor orienta a criança e o adolescente a compreender que as histórias de exploração dos indígenas e negros não são dados congelados no passado, mas engrenagens discursivas que ainda moldam as subjetividades contemporâneas. É nessa práxis de sala de aula que a literatura ganha sua máxima força descolonizadora de mentes, identidades e imaginários, como proposto por Renata Spinassé (2022) e Viviana S. Torres (2019).

Considerações Finais

Na interseção entre o lúdico e o pedagógico, as obras infantis contemporâneas *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019), de Viviana S. Torres, e *A princesa Zacimba de Cabinda* (2022), de Renata Spinassé, emergem como instrumentos literários de resistência e ressignificação histórica. Faz-se necessário destacar que, na literatura infantil e juvenil contemporânea, a histórica submissão do estético a uma pedagogia utilitarista e moralizante deu lugar a uma profunda reconfiguração da relação entre o lúdico e o pedagógico. Em vez de mero artifício instrutivo ou manual de condutas, a ludicidade passa a residir na fruição estética, na abertura interpretativa e no jogo intersemiótico entre palavra e imagem, enquanto o pedagógico, reformulado pela via decolonial, assume um caráter de emancipação cognitiva e política. Essa confluência transforma o ato de ler em um espaço de prazer, no qual a criança, ao interagir com as formas narrativas e visuais, desestabiliza criticamente as certezas eurocêntricas e reconstrói sua própria identidade.

O *corpus* deste estudo, constituído a partir de obras de autoras mulheres, sugere, desde já, uma ruptura nos paradigmas

social e literário, considerando que as vozes dessas autoras ainda são frequentemente silenciadas. As obras comparadas apresentam protagonistas femininas que, a despeito das diferenças geográficas e temporais, compartilham uma luta comum contra a opressão colonial. Anacaona, líder indígena do Caribe, e Zacimba Gaba, princesa africana, são figuras históricas que representam a coragem e a bravura de seus povos, cujas histórias são frequentemente apagadas pelas narrativas coloniais que, por tradição, são transmitidas ao público infantil e juvenil.

Essas personagens representam as visadas decoloniais em seus contextos específicos e funcionam como símbolos de uma nova narrativa latino-americana. Segundo Monika Fludernik (2009), em sua definição de narrativa, a construção de uma narrativa efetiva envolve a articulação de uma "representação de um mundo possível", onde os protagonistas são ancorados temporal e espacialmente, e onde suas experiências formam o centro da narrativa. Neste contexto, Anacaona e Zacimba Gaba não são apenas protagonistas, mas sim catalisadoras de uma reestruturação discursiva que rompe com as formas narrativas tradicionais e eurocêntricas, oferecendo novas perspectivas narrativas que desafiam e ressignificam a hegemonia discursiva.

A importância do narrador como mediador do discurso narrativo também é significante, como apontamos ao desenvolver a análise. Nas obras de Torres (2019) e Spinassé (2022), o narrador assume um papel fundamental ao construir uma narrativa que não apenas representa, mas também reflete criticamente sobre as práticas coloniais e pós-coloniais, cumprindo, assim, uma função não só narrativa, mas, igualmente, política e ideológica. As decisões narrativas, como a focalização e a escolha da perspectiva, ressaltam o caráter subversivo dessas narrativas,

que se distanciam das estruturas narrativas tradicionais da escritura híbrida de história e ficção (Fleck, 2017), e abraçam uma narrativa de resistência.

O papel da literatura infantil nesse processo é, portanto, fundamental. Ao ressignificar a história, a partir da perspectiva dessas mulheres, as obras desafiam as narrativas dominantes e oferecem aos jovens leitores em formação uma nova visão do passado. Esse redimensionamento das histórias das minorias não apenas reconstrói as identidades das protagonistas, mas, ao messo tempo, possibilita uma formação decolonial do leitor ao promover movimentos de descolonização de suas mentes, suas identidades e de seu imaginário.

Em última análise, *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro* (Torres, 2019) e *A princesa Zacimba de Cabinda* (Spinassé, 2022) são mais do que simples relatos para crianças; constituem intervenções culturais que (re)imaginam o passado e reconfiguram o presente. Ao trazer à tona figuras históricas esquecidas e oferecer novas formas de leitura e compreensão, essas obras contribuem para a construção de um futuro mais inclusivo e consciente. Assim, a literatura infantil afirma-se como um espaço vital para a resistência e a reinvenção cultural, proporcionando aos jovens leitores ferramentas para questionar, refletir e transformar o mundo ao seu redor.

Referências

ARISTÓFANES. *Lisístrata*. Tradução de Ana Maria César Pompeu. São Paulo: Editorial Cone Sul, 1998.

ARISTÓTELES. *Política*. Tradução e notas de Antônio Campelo Amaral e Carlos Gomes. Edição bilíngue. Lisboa: Vega, 1998.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. *Revista Brasileira de Ciência Política*, Brasília, n. 11, p. 89-117, ago. 2013. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcpol/a/DxkN3kQ3XdYYPbwwXH55jhv/abstract/?lang=pt. Acesso em: 26 jul. 2024.

BRAIDOTTI, Rosi; PFEIFFER, Amalia Fischer Pfeiffer (ed.). *Feminismo, diferencia sexual y subjetividad nómade*. [*S.l.*]: Lectulandia, 2004. Disponível em: https://ww3.lectulandia.com/book/feminismo-diferencia-sexual-y-subjetividad-nomade/. Acesso em: 23 ago. 2026.

CARVALHAL, Tania Franco. *Literatura comparada*. São Paulo: Ática, 1986.

DUBOIS. Constance Goddard. *Colombo e Beatriz*. Tradução de Gilmei Francisco Fleck. Curitiba: CRV, 2022.

FLECK, Gilmei Francisco. *O romance histórico contemporâneo de mediação*: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção. Curitiba: CRV, 2017.

FLECK, Gilmei Francisco; CORBARI, Clarice Cristina (org.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras*: leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.

FLUDERNIK, Monika. *An Introduction to Narratology*. Tradução de Patricia Häusler-Greenfield e Monika Fludernik. Abingdon: Routledge, 2009.

GENETTE, Gérard. *Discurso da narrativa*. 3. ed. Lisboa: Vega, 1995.

GENETTE, Gérard. *Figures III*. Paris: Editions du Seuil, 1972.

GENETTE, Gérard. *Palimpsestos, a literatura de segunda mão*. Belo Horizonte: Edições Viva Voz, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. 11. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

MAGNÚSSON, Sigurður Gylfi.; SZIJÁRTÓ, István. *What is Microhistory? Theory and Practice*. Londres: Routledge, 2013.

MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. Tradução de Marco Oliveira. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, v. 32, n. 94, p. 1-18, jun. 2017. Disponível em: https://www.scielo.br/j/rbcsoc/a/nKwQNPrx5Zr3yrMjh7tCZVk/abstract/?lang=pt. Acesso em: 19 jul. 2024.

PALERMO, Zulma. Colonialidad del poder y género. *Sociocriticism*, v. 27, n. 1-2, p. 13-41, out. 2012. Disponível em: https://revistaseug.ugr.es/index.php/sociocriticism/article/view/2438. Acesso em: 23 jul. 2024.

SPYER, Tereza; LEROY, Henrique; NAME, Leo. Zulma Palermo: a opção decolonial como um lugar-outro de pensamento. *Epistemologias do Sul*, v. 3, n. 2, p. 44-56, ago. 2019. Disponível em: https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2466. Acesso em: 23 jul. 2024.

SANTOS, Vilson Pruzak dos. O "descobrimento" do Brasil sob a ótica de narrativas híbridas de história e ficção infantil: a formação do leitor literário rumo à descolonização. *In*: FLECK, Gilmei Francisco; CORBARI, Clarice Cristina (org.). *Narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis brasileiras*: leituras. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023. p. 63-102.

SANTOS, Vilson Pruzak dos; FLECK, Gilmei Francisco. *Uma trajetória das narrativas híbridas de história e ficção infantis e juvenis no Brasil* – vias à formação leitora decolonial. São Carlos: Pedro & João Editores, 2025. (Coleção Ressignificações do passado..., v. 1).

SPINASSÉ, Renata. *A princesa Zacimba de Cabinda*. Ilustrações de Lia Britto. Rio de Janeiro: Pueralê, 2022.

TORRES, Viviana S. *Ella era Anacaona: La reina Flor de Oro*. Ilustrações de Maria Ocampo. New York: Cayena Press, 2020.

WHITE, Hayden. Teoria literária e escrita da história. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v. 7, n. 13, p. 21-48, jan. 1991. Disponível em: https://periodicos.fgv.br/reh/issue/view/279. Acesso em: 21 jul. 2024.